



CINEMATECA BRASILEIRA/DIVULGAÇÃO/JC

Clássicos como *A Hora da Estrela* estão disponíveis gratuitamente na plataforma Tela Brasil, que registrou 2,4 milhões de visualizações em três dias

Tela Brasil deve trazer avanços ao PL do streaming, diz secretária do Audiovisual

“Dados do Tela Brasil mostram que a população adora o cinema nacional e que serão essenciais para uma regulamentação que protege nossas propriedades intelectuais”, diz a secretária do Audiovisual, Joelma Gonzaga, sobre a relação entre a plataforma pública e o PL do streaming, hoje parado no Senado, conforme noticiado pela Folhapress.

O projeto diz respeito à regulamentação dos serviços de vídeo sob demanda, que atuam no Brasil há anos sem pagar a Condecine, a Contribuição para o Desenvolvimento da Indústria Cinematográfica Nacional, como muitos no setor desejam.

Nos primeiros três dias desde que foi disponibilizado, o Tela Brasil registrou 2,4 milhões de visualizações, e a expectativa é de que a audiência cresça consideravelmente após o dia 30 deste mês, quando o serviço gratuito chegará aos celulares.

Orçado em R\$ 9 milhões, o Tela Brasil já reúne 556 títulos. Os custos, afirma Gonzaga, contemplaram um edital de licen-

ciamento de filmes, a aquisição de 19 títulos que tentaram uma vaga no Oscar - entre eles, só o desenho *O Menino e o Mundo* foi indicado -, a interface desenvolvida pela Universidade Federal do Alagoas (UFAL) e uma consultoria contratada via OEI, a Organização dos Estados Ibero-Americanos.

O catálogo chama a atenção pela amplitude histórica. Isso porque vai de curtas institucionais da década de 1910 até obras contemporâneas, como o documentário *Audição*, de 2023, passando por clássicos como *A Hora da Estrela*, hoje entre os mais vistos do serviço.

Também se destaca a qualidade de filmes históricos disponíveis, antes restritos a mostras presenciais ou cópias de baixa definição no YouTube. Na categoria História e Estética do Cinema Brasileiro, por exemplo, longas menos conhecidos de Glauber Rocha, como *Câncer*, aparecem em alta resolução.

Todas as cópias restauradas já existiam em suas instituições

de origem, como a Cinemateca Brasileira, o Centro Técnico do Audiovisual e a Fundação Nacional das Artes, entre outras entidades que compõem o acervo do sistema MinC.

Fora essas e as 19 obras que tentaram uma vaga no Oscar, a maior parte dos títulos coube ao edital de licenciamento publicado em 2024. O certame determinou cinco eixos temáticos - infância, juventude, diversidade, brasilidades e história e estética do cinema brasileiro, com movimentos que vão do cinema novo à pornochanchada. Foram 397 obras selecionadas, entre curtas, médias, longas e séries.

“Queríamos refletir a diversidade regional, étnica, cultural e temática do país”, afirma Gonzaga. Ela diz que o próximo passo será integrar obras da emissora pública TV Brasil, o que deve acontecer ainda este ano. A ampliação também acontecerá via novos editais de licenciamento.

A professora da UFAL Luciana Santa Rita cita recursos de acessibilidade pensados pela ins-

tituição, como Libras e audiodescrição em filmes antigos. “Mais do que surfar numa onda de mercado, nosso objetivo era resgatar a memória e estabelecer uma linha direta com os cidadãos.”

À luz da repercussão de filmes como *Ainda Estou Aqui* e *O Agente Secreto*, a plataforma pode reduzir a indiferença com que muitos brasileiros veem a produção nacional, afirma o crítico de cinema e professor da Faap Humberto Silva.

“O cinema nacional nunca foi visto com a mesma seriedade que a literatura, presente nos currículos escolares, ou mesmo a música. O Tela Brasil pode estimular que essa força de afirmação cultural seja vista dessa forma.”

Ele elogia o destaque a produções como filmes indígenas, mas lamenta a falta de diretores como Nelson Pereira dos Santos e Cacá Diegues, morto em 2025, e comédias como as de Amácio Mazzaropi, sobre tensões entre o interior e a metrópole.

Há ainda, segundo membros da indústria ouvidos pela repor-

tagem, a expectativa de que a plataforma subverta a concentração do audiovisual na região Sudeste, destacando a contribuição de outras regiões para o audiovisual brasileiro e novos cânones, como o cinema feito em comunidades e estimulado por políticas como a Cultura Viva, de 2014.

No edital de licenciamento de 2024, o MinC listou, entre critérios dos eixos de diversidade e brasilidades, temas como diversidade de gênero, orientação sexual, raça e regionalidade.

Quanto ao público, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Bahia, nessa ordem, foram listados como os cinco estados que mais acessaram a plataforma.

Outro aspecto que provocou debates, esses sobre a segurança de dados, é a relação entre o serviço e o Gov.br, plataforma do governo que centraliza documentos e serviços a partir do CPF de seus usuários. O acesso ao streaming exige o login e a senha usados neste mesmo portal.

“É uma forma prática e segura de integrar políticas públicas”, explica Gonzaga. “A medida dialoga, por exemplo, com controles parentais da plataforma, e com o Ministério da Justiça e demais medidas de proteção governamentais.”

Há quem diga ainda que a integração evita a venda de dados para empresas como o Google e permite que o governo trace recortes de público e de interesse por produções específicas.

Usuários também questionaram o uso do CDN da Amazon pelo Tela Brasil, em vez de servidores nacionais e mais baratos. Os CDNs, content delivery networks, são redes de distribuição que cobram pela transmissão de arquivos digitais.

Em documento sobre o papel da UFAL, a instituição afirma que o Tela Brasil corrobora para a soberania tecnológica do país, e o MinC diz que a escolha do Amazon CloudFront, sem licitação pública, se deve a um contrato anterior entre a pasta e o Serviço Federal de Processamento de Dados, o Serpro.

A depender do desempenho, diz ainda o ministério, o streaming pode migrar para outro servidor também utilizado pelo Serpro, que se divide entre nuvens de dados nacionais e internacionais.

Excepcionalmente nesta semana, a coluna de teatro assinada por Antonio Hohlfeldt não será publicada. O colunista retorna na semana que vem.